

# Desinformação e atoleiro oficial

GOVERNO REVELA PROPENSÃO DE DESVIAR-SE DA POLÍTICA ECONÔMICA TRACADA, BUSCAR ATALHO E AMPLIAR INCERTEZA

DIONÍSIO DIAS CARNEIRO

Dependendo de onde você se situa na sociedade, a economia brasileira vai piorar muito ou melhorar muito nos próximos meses. Esta não deve ser vista como uma proposição sobre o agravamento das desigualdades econômicas, mas, na realidade, pretende ser uma proposição acerca da natureza do ambiente que é relevante para o cidadão, em seu dia a dia. Se você for trabalhador, seu salário real está diminuindo e vai cair mais antes de poder melhorar; seu emprego está mais menos arriscado hoje se você for empregado de uma indústria com

chances de exportar e, se está desempregado, tem mais chance de encontrar vaga em uma empresa exportadora; se você tem ativos em dólar, vai perder riqueza; se for um novo investidor que estava a ponto de desistir do Brasil, haverá razões para estar mais otimista; e assim por diante.

Uma característica das sociedades modernas é a natureza das incertezas que formam a paisagem econômica e social, sobre a qual o cidadão atende a suas necessidades presentes e prepara-se para o futuro. No que John Galbraith denominou a "era da incerteza" em uma série de TV que virou livro, o mau uso da informação disponível para melhorar a visão sobre o futuro é também um grande fator de infelicidade pessoal, má saúde física e mental, desperdício econômico e tensão social.

Em tempos de mudanças radicais de ambiente, piora a qualidade da informação e da

interpretação disponível, aumenta o espaço para a vigarice no uso oportuno da desinformação, seja para obter ganhos econômicos, seja para obter ganhos políticos. A diferença entre especuladores e manipuladores é pertinente tanto nos mercados, quanto na indústria da comunicação social. Nada mais parecido com uma mesa de operações de um banco do que uma redação de jornal. Com uma diferença: nas mesas, o passado prolonga-se nos saldos de transação; nas

redações começa-se, no dia seguinte, (quase) tudo de novo. Ambos contribuem para diminuir a assimetria de informação, quando funcionam de forma apropriada, sem manipulação.

A causa imediata para a grande desigualdade de sensações quanto ao que está para vir na economia são as mudanças de preços relativos, que envolvem severas perdas potenciais de rendas reais e de riqueza, resultantes da mudança no regime cambial. Essa desigualdade de sofrimento é ainda tornada pior, quando a informação é trabalhada com o cuidado e o empenho de quem trabalha o ferro: aquece, bate, tempeira e torce até que seja produzida uma forma adequada. Não há remédio para isso, a não ser a liberdade de expressão, a responsabilidade pela opinião emitida, a criação de um ambiente no qual prevaleça a ética da informação sobre o ganho imediato com a distorção.

No caso presente, estamos vivendo um contraste entre o agravamento das condições objetivas de preços, emprego,

renda dos trabalhadores e aposentados, incerteza dos poupançadores, assimilação de perdas de riqueza dos rentistas, ao mesmo tempo em que os horizontes se aclaram para os investidores, à medida que se encerram alguns episódios importantes para o futuro. Definida a posição do Banco Central com respeito ao câmbio, do governo da União com respeito ao superávit fiscal, ao tratamento a ser dado às relações financeiras com os Estados e às privatizações, há uma boa chance de que boas notícias sobre o futuro da economia brasileira convivam com péssimas notícias sobre o presente. O otimismo dos analistas que estiveram excessivamente pessimistas nos últimos três meses, quando chegaram a ganhar foros de respeitabilidade os cenários de calotes e confisco, poderá surpreender a muitos como prova cabal de leviandade dos mercados financeiros. A informação, que é a matéria-prima das decisões financeiras, entretanto, é volátil por essência, pois se refere ao futuro, mesmo a um futuro que jamais ocorra, muitas vezes em consequência do cenário que foi antecipado.

A diferença entre os discursos do novo e do antigo presidente do Banco Central revelou as diferentes preocupações. O presidente que sai enfatiza a necessidade de resgatar a paisagem da estabilidade que ajudou a construir e se tornou inviável por falta de financiamento. Há um retardo na percepção, por parte da sociedade, de que essa paisagem já está no passado e não foi ameaçada pela mudança de regime, mas sim quando se esvaiu o crédito de confiança na condução da política econômica que o governo recebeu, com o acordo com o FMI, que foi desper-

diado, em parte, em discussões de aventuras. O presidente que assume, Armínio Fraga, tem de empenhar-se, como tem feito, na construção do possível sob circunstâncias novas, mas não necessariamente adversas. A reconstrução de um ambiente favorável ao crescimento depende, hoje, do sucesso da flutuação cambial em produzir uma desvalorização em termos reais da ordem de 20%, com pouco aumento de preços. Este governo tem revelado, entretanto, uma notável propensão para desviar-se da estrada traçada para a política econômica e, ao menor sinal de aplauso, buscar um atalho que costuma levar a um atoleiro de ambigüidades onde viceja a desinformação. Como um jipe de recreio, tem-se saído bem dos atoleiros em que se tem metido, mas a cada vez lançam-se novas dúvidas sobre o futuro da economia. Caso consiga resistir a essa tentação quando melhorar o horizonte que andava dominado pelos cenários de moratória interna e externa, a inflação estará mais uma vez dominada e o caminho aberto para o retorno do financiamento ao comércio exterior, que é essencial para a recuperação das contas externas. A retomada do crescimento virá pela via das exportações e pela recuperação da confiança no futuro, da parte dos que tocam os projetos de investimento, paralisados pela onda de incerteza dos últimos meses. Alguns poderão ficar assustados com a onda de más estatísticas econômicas que vamos digerir nos próximos dois meses, mas, como sabemos, o futuro é que comanda o espetáculo econômico, apesar de ser este um escravo da história.

**Retomada do crescimento virá pela exportação e recuperação da confiança no futuro**